

Nome: Mário José d'Araújo
Ano nascimento: 1935
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 08-10-2021

MURAL

PRESOS POLÍTICOS
DE CAXIAS

Isto chegou à PIDE, é evidente. Eu casado, tinha um filho. E a certa altura a minha mulher engravidou, a segunda vez: «Como é que vai ser? As dificuldades...». «Tem que ser, a gente...». Na altura ainda não havia as ecografias, saber se é menino se é menina, não havia. Mas a gente gostava muito de ter uma menina. E andámos naquilo. E há um belo dia que eu venho a Carnaxide, mais ela, visitar a família dela - eu nunca tinha vindo a Carnaxide na altura, vim depois muitas vezes.

Mas chegamos a casa, passámos aqui o dia e chegámos a casa, deitamo-nos normalmente. Não houve mais contacto nenhum senão o sono a tomar conta de nós. E diz-me a minha mulher - que, tenho que dizer aqui, é uma companheira indefetível, como são os meus filhos. E ela sobressaltada: «Ai! O que é isto? O que é isto?». E a menina, que veio a saber-se depois, começou a mexer na barriga da mãe. É óbvio que eu não fui trabalhar.

Ficámos a noite toda a mexer na barriga e a menina dava pontapés - a menina, ainda não sabíamos que era menina - dava pontapés e pronto! Era de manhã, eram 6 e tal da manhã. Isto foi no dia 17 de julho de 1967. Ficámos de tal maneira. Rompeu o dia: «Olha não vou trabalhar». E eu ia sempre trabalhar. Eu, desde miúdo, eu nunca tive na caixa de providência e trabalhei até aos 65 anos. Hoje já tenho um bocadinho mais. E fiquei a brincar com a barriga da minha mulher e ela também: «Olha, então fazemos assim: eu vou a casa da minha mãe...» - morava a uns 300/400 metros - «...e tu ficas em casa. E vou buscar umas coisas, gente leva, faz um lanche e vamos para a praia. E hoje é uma festa para a gente!». [Eu]: «Tá bem, tudo bem».

Ela saiu, eu fico em casa. E [passado] meia-hora, quarenta minutos batem à porta e eu abro a porta. Vesti os calções. Um GNR [diálogo]: «O senhor é fulano tal? Mário Araújo?» «Sou». «Olhe, eu venho buscá-lo para ir ao posto. Você tem de lá que ir prestar declarações». E eu disse logo para mim: «Já estou feito. Já sei o que é». Claro, não foi novidade. E eu disse: «Eu? (...) Ir à GNR fazer o quê?», mas eu vi logo. E ele diz-me assim: «É porque desapareceram ali numas obras umas alcofas de prego e há pessoas que dizem que é você que mora aqui. E você vai ali». [Eu]: «Mas eu não fiz nada disso, vocês estão enganados, não sou eu. Não será de outro andar?» - eu assim a ver se me via [livre]... Mas ele tinha a intenção de [me levar]. Pronto.

Eu vesti-me de qualquer maneira, claro, eu fiquei logo muito alarmado. E descí - morava no 3º andar - descí cá abaixo. Tento abrir ainda o portão que dava para o quintal, na tentativa de que se estivesse aberto - ele era um homem ligeiramente mais velho que eu, fardado (...), eu ia mais à vontade, era ligeiramente mais novo - eu piro-me aqui pelos quintais e nunca mais me veem, este gajo nunca mais me agarra. Só que eu tive azar. Aquele fecho que estava normalmente aberto, estava fechado. Então não pude sair.

Sai depois, fugi ainda na rua, mas depois ele começou a gritar: «Agarrem que é ladrão! Agarrem que é ladrão!» e há umas pessoas que saem dum cafezinho que havia ali - esse cafezinho foi obrigado a fechar e a sair dali, porque depois a rapaziada do Partido fez a vida negra ao homem (...). O homem saiu para me apanhar, o homem não me conhecia de lado nenhum. E eu com um tipo atrás de mim, com um Guarda Republicano: «Agarrem que é ladrão!». Epá... Eu fiquei, quer dizer... Parei! O outro aparece-me à frente. E eu nem agarrado pelo polícia - GNR - nem pelo dono do café.

Eu tive azar, só sou preso por aquela razão, porque fiquei em casa. Porque eu tinha tudo - a qualquer altura eu podia ser preso, tinha consciência disso - e eu tinha a fuga organizada! Uma porta que se abria para o lado de trás do Arsenal do Alfeite, para o lado do mar. Para um dos lados estavam os navios, para

o outro lado era a mata, mata do Alfeite. (...) A porta estava aberta normalmente, eu sairia - porque eles normalmente chegavam à portaria e diziam: «Olhe, chame o operário tal tal, que tá aqui alguém de família que quer falar com ele à porta». E os amigos vinham e eram presos. Era assim que acontecia. E eu estava à espera que um dia que me chamem lá. Afinal eles foram ao Arsenal do Alfeite, antes de aparecer o GNR. Foram às 8:30 ao Arsenal do Alfeite à minha procura, eu não estava. E sabiam que a minha vida era uma vida ativa, portanto, ou estaria doente em casa, ou por outra razão qualquer teria ficado casa. E chegaram lá às 9 horas e eu estava em casa. E sou preso assim. (...) Se se concretizasse a minha ideia eu saía da oficina de caldeiraria do Arsenal do Alfeite, ia até à Ponta dos Corvos - vocês não conhecem, mas é o fim da praia, do rio, que dá para o Seixal. Tem ali 200 metros. Eu nadava bem já naquela altura, nadava muito bem mesmo, tinha feito competição - bem não interessa. E punha a roupa à cabeça com o cinto, fazia bruços até ao outro lado e apanhava uma camioneta e eles nunca mais me apanhavam, que eu ia para França como foram os outros.

Eu, por azar, sou o primeiro da célula a ser preso. Fiquei feito. Sou preso nestas condições, vou para o posto da GNR - fui apanhado aí a 500 metros do posto. Lá vou, faço aquele circuito todo. Toda a gente me conhecia, (...) tudo muito admirado: «O Mário? Tão enganados!». Eles estavam fardados, o GNR estava fardado, mas os outros dois estavam à paisana. E foram poucos os que tiraram como ilação que os aqueles dois eram da PIDE.

Isto acontece assim. Fico ali uma hora e tal, duas horas. Eles perguntam-me o nome. Deixam-me ali. Eu digo: «Agora o que é que vai ser de mim?». Vi logo que eram PIDEs, é evidente. Levam-me num carro, um Volkswagen branco, lembro-me bem. E lá vamos, por ali fora. E eu sabia. (...) Eu não vou para a António [Maria Cardoso]... Eu vou logo para Caxias. Para Caxias em isolamento. Onde estive, diga-se de passagem, 5 meses e meio. E eu não desejo a ninguém. Desejei tanta vez levar tarefas e que me deixassem, mas não levei. Não levei tarefas.

Fui preso. Fui pra Caxias. Foi a 17 de Julho. E no dia 20 de Julho - estou ali 3 dias, imagine-se 3 dias à espera do que pudesse vir. Sem sapatos, sem atacadores, sem cinto. A gravata não havia, não é? Também não gosto. Não havia gravata, não havia nada. Havia só a cabeça e as paredes. [Pensei]: «O que é que eu vou...?». O colchão, sem cobertor nem nada, isto em pleno verão não era problema, nem almofada - eu tenho dificuldade nas costas, ainda hoje tenho acentuadamente, muito ligado a essa altura. E estou ali dia 17, 18, 19... 20. Dia dos anos do meu filho, dia 20. O meu filho Márinho fazia 7 anos naquele dia. E eles à meia-noite e meia-hora vêm-me chamar: «Senhor Mário prepare-se. Tem que ir a Lisboa».

Venho para a António Maria Cardoso. É a primeira vez. Dia 20, portanto, no dia de anos do meu filho. Vou para um segundo andar, um quarto pequeno. Eles identificam-me dos pés à cabeça. Tudo aquilo que eles disseram era verdade. Portanto houve um camarada - na altura era assim, depois deixou de ser - [que] traiu, disse. Eles sabiam tudo. Eu ainda tentei algumas coisas de armas, umas coisas não jogavam com as outras. Era membro do Partido, pagava 25 tostões - lembro-me bem - de cotização. E não tinha tarefas no Partido, eu não tinha nada. Era do Partido porque estava, porque aderi ao Partido. [Eles]: «Pois e os professores, não é? Levaram-no a isso. E você que é um pobre diabo, ...». [Eu]: «É isso, eu não sei nada de política». Pronto, fiz este papel e eles sabiam que não era verdade, que havia mais coisas.

Tive 3 noites [na tortura] do sono. A primeira noite não houve nada de especial - tortura do sono - nem me sentava, em pé. E tive 3 dias naquilo. «É assim, é assado». E eu não confirmava. Tive 3 dias - mas disseram muita coisa que era verdade, mas eu não confirmava. E disseram-me coisas, não foi no primeiro dia, mas no segundo e no terceiro dia disseram-me coisas que eu nem me lembrava. E só muito mais tarde, já tinha feito o julgamento, é que eu me lembrava [e pensava]: «Mas como é que eles...?». Pronto, era um aparte. Mas era assim. Ao fim de 3 dias trazem-me novamente. Eu vinha derretido de sono, como calculam. Porque o primeiro dia, dia e meio... Mas depois o tempo era este, portanto, julho.

Eu venho para Caxias outra vez. Isolamento. Sujo, inquieto. E a pensar: «O que é que estes gajos querem

de mim?»». Eu não tinha mais nada que fazer. Não tinha caneta, não tinha lápis, não tinha papel, não tinha nada! E tinha a cama e tal. E eu andei a partir daquela altura até ao dia 23/24 de Dezembro de 1967, eu andei no quarto de isolamento - nos quartos, foram vários. Foram 5 quartos sempre do lado ímpar, que não tinha vista para a autoestrada. Caxias e a ouvir o barulho dos jogos de futebol, os ruídos das pessoas, aquelas coisas todas. Do outro lado não se ouvia. Parecia que não, mas era uma coisa muito leve. Eu sabia que não tinha comunicação, não tinha livros, não tinha jornais, não tinha nada. E eu fiz, durante este tempo todo, menos o tempo que ia à António Maria Cardoso - tive 3 dias da primeira vez, depois passado um tempo fiz os 4 dias e depois na última vez que estive lá tive 5 dias. Essa vez foi mesmo uma derrota completa.

Como é que eu passava os dias? Das 7:30, 8 horas, 8:30, não posso precisar...eles davam-me o café, que ainda era pior do que aquele que eu bebia quando era miúdo, era intragável. Tinha cânfora também, uma série de misturas para sexualmente não ser atormentado, não sei, eles faziam isto. Um quarto pequeno, podia ter 3 metros por 3 metros - não era bem, talvez uns 4 metros de comprimento e 3 de largura. Mas o que passava os dias a fazer era o seguinte: eu fazia a cama muito bem feita - comecei a fazer de qualquer maneira, claro - mas depois comecei a fazer com um palmo do cobertor para ali, outro palmo para aqui, depois ficava aquilo muito certinho. Não havia lençol, era um cobertor só - aí já tinha cobertor. A segunda vez que vim para Caxias deram-me o cobertor. Fazia a dobra, uma vez fazia com um palmo, outra vez fazia com 4 dedos. E isto era o meu entretém. Chegava a durar duas horas isto! Estas pequenas coisas que começaram a ser triviais. Começaram a ser o roman do dia.

Portanto, eu a partir das 7 horas da manhã até às 9 ocupava-me com isto. Nunca tive recreio durante este tempo. Portanto, sozinho, sozinho, sozinho e com as minhas coisas. Uma casa-de-banho, só para mim, claro. E uma pedra onde eu fazia a refeição e escrevia semanalmente durante meia hora. Só durante meia hora e só podia escolher uma folha. E o que é que acontece? Eu fazia - eu vou-me levantar para vocês terem uma ideia - era por exemplo quatro passos para aqui, que era o comprimento daquilo; depois mais dois para aqui, para o outro lado, para a outra parede; e depois ali outra vez. Quer dizer fazia isto, mas fazia isto - tão verdade como eu ser eu e estar a falar para vocês - eu andava dez, doze horas por dia. Todos os dias. À exceção dos dias que ia para a PIDE. Que não deixavam de ser piores do que aquele. (...) Eu levei pontapés, levei socos, levei empurrões, levei bofetadas! Não eram tareias. Era: «Você está-me a dizer a mim que não fez isto e não fez aquilo?». [Eu]: «Não, eu nem conheço o sítio que você está a falar». Pumba! Um empurrão! Agora, isto não eram tareias. Às vezes doíam mais do que se fossem, que eu cheguei a desejar. Agora na cela, estes dias todos, assim. Portanto os dias da tortura do sono, já vos disse, foram três, foram quatro, foram cinco. Agora os dias de isolamento foi um género de tortura que me ficou para o resto da vida. Eu não durmo mais que duas, três horas por dia. Isto é verdade, o que eu estou a dizer. A minha mulher, os meus filhos sabem disto perfeitamente.

Acontece que o que me deixou marcas nisto foi o tal dia 25 para 26 de Novembro de 1967, que a minha irmã fazia anos, e eu estava a pensar que se não estivesse naquele sítio estaria com ela, era uma hipótese. E desata a chover de uma maneira...! Aquela encosta de Peniche, de Caxias, foi uma coisa... E os miúdos que gritavam por todo o lado, mas eu não via, eu só ouvia! E nem fazia ideia que... Eu só sei daquilo na véspera de Natal! Quando a minha filha nasce e eles me tiram para receber a visita da minha irmã - que já não era aquela dos anos, era a outra mais velha, que já morreu. E eu tive a ironia de dizer a um colega que estava a meu lado, que eu sabia quem era - veio a ser meu patrão esse homem que eu conhecia-o da Cova da Piedade, foi do meu processo, mas não tinha nada a ver connosco - e aquilo chovia que eu sei lá. E eu batia - a gente aprende a falar, não é? E eu disse para o que veio a ser o meu patrão, com toques: «Estás a ver? Há males que vêm por bem! (...) Se a gente tivesse lá fora se calhar estava a apanhar uma carga de água, que nunca mais parava. Aqui não, estamos recolhidos e tal, não molhamos nada». Quando eu vim a saber... Custou-me também. Eu a ironizar daquela maneira, mal sabia eu. As crianças que iam pela água abaixo, iam aos gritos - que eu não vi, só ouvi - deixaram-me um... Eu não posso ouvir crianças chorar. Quando eu vim a saber que aquelas crianças - julgava que as crianças estavam assim molhadas, sim senhor, porque estavam em barracas, mas não sabia que tinham morrido

dezenas de crianças só ali naquela zona! E isso hoje inquieta-me. Aquilo eram choros desesperados. Era a morte! As crianças morriam. Essas coisas ficam para sempre. Sempre. Não saem. É o caso do choro da criança, é o caso de tanta coisa... é o caso de não ter almofada para dormir no isolamento - eu fiquei assim. Eu não era marreco e agora sou quase marreco, ou marreco e meio. Eu não sou capaz de dormir sem almofada. Eu vou fazer uma ecografia, um eletrocardiograma, uma coisa qualquer - já tenho dito aos médicos: «Olhe, ponha uma almofada se faz o favor, porque eu não sou capaz». E não sou capaz. Isto são coisas que ficam e que estão comigo. Agora isto é fruto da tarefa? Não, eu não levei tarefas! Agora estas coisas fazem-me hoje muito doer, muito doer.

Termina a instrução do processo, eu saio do isolamento e vou para Caxias e estou lá 4 meses. Em várias celas, mas coletivas.

Em Peniche...tenho de dizer isto: aprendi com todos os presos políticos e aí é que eu me politizei. Portanto o Partido tem toda a razão de existir. E já lá vão 100 anos. É uma história lindíssima. Os homens não precisam de ser outra coisa que não bons, solidários, estarem com os outros. Eu não sou capaz - tenho dificuldade, mas ser capaz sou - mas custa-me comer sozinho, almoçar sozinho. Tem a ver com o isolamento. Eu estava a comer, e o comer não...Eu gosto de estar com a família, gosto de estar com os amigos...eu nunca mais acabava de falar".